

um
um
um
um
um
um



MAIO • 1999

i.3

Esta revista pode ser adquirida com a gentil participação de 350 pixels.



3.1

 CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

STAG

SunChemical

Índice

- Editorial 5
- Eventos 6
- Café Design 8
- Tipografia]Bodoni[10
- A.G. em Portugal 16
- Animação Tipográfica 21
- Emprego 27
- FDTI 30
- Entrevista]Henrique Cayatte[32
- Evolução de uma
• marca gráfica 41
- Foto Reportagem 45
- Fragmentos
• Tipográficos]J. Reis[56
- Tipografia ... 58

Ficha Técnica

Director Geral: Prof. Guilhermino Pires

Director de Artes: Prof. Luis Filipe Oliveira

Director Técnico: Prof. José Marques Couto

Director Editorial: Abraão Rafael

Sub-Director Editorial: Miguel Sousa

Direcção de Publicidade: Abraão Rafael, Bruno Rêgo, Catarina Nevesdias, Miguel Sanches, Miguel Sousa

Direcção de Marketing: Abraão Rafael, Ana do Carmo, Pedro Silva, Rui Machado, Sandra Lucas, Sonia Henriques

Design Gráfico: Pedro Silva

Paginação: Pedro Silva, Rui Machado

Tratamento de imagem: Pedro Silva, Rui Machado

Capa: Miguel Sousa

Logotipo: Bruno Júlio

Revisão de Textos: Ana Sousa, Pedro Chucha, Sandra Costa

Impressão: Departamento de Tecnologias e Artes Gráficas

Tiragem: 500 exemplares

Capa: Couché Mate 200 gr

Miolo: Couché Mate 135 gr

Chapas: Ipagsa TOP 92-S

Agradecimentos: Prof. Manuel Martins, Prof. Costa Rosa, Prof. Jorge Martins, e a todos quantos tornaram possível a realização deste número...

Editorial

Após uma agradável primeira reacção, por parte de todos os que tiveram contacto com o número zero, sentimos-nos motivados em apostar num novo desafio. Aumentámos o número de páginas e tentámos tornar a revista mais acessível aos vários cursos relacionados com o Design e as Artes Gráficas, distribuindo-a pelas respectivas escolas.

Reforçamos a ideia de que esta revista é em cada número, um novo exercício gráfico-editorial, feita de cada vez por novos elementos que a reinventam,

dando-lhe o dinamismo e a vitalidade necessários.

Pretendemos com isto, não só assegurar a continuidade do projecto mas torná-lo didáctico, permitindo que novos colegas se exercitem na prática de novas ideias.

Salientamos ainda a vontade da I.C. em influenciar o aparecimento de novos projectos, deste ou de outro género, relacionados com temas afins.

Para tal, oferecemos desde já o nosso apoio e disponibilizamo-nos também a colaborar na difícil fase embrionária do projecto.

Tudo isto visa aumentar a divulgação e troca de experiências, fomentando a comunicação entre alunos de áreas de formação escolar semelhantes. Assim, desafiamo-vos a desenvolver esta ideia, investindo na vossa/nossa formação.

Por fim, queremos relembrar que estamos permanentemente receptivos às vossas ideias e críticas, que se nos ajudarão a melhorar e amadurecer esta revista.

A Direcção

Eventos

Museu do Design

O CCB vai assumir um novo papel no panorama da museologia contemporânea Portuguesa. Para além das exposições temporárias a que já nos habituou, podemos agora contar com uma exposição permanente, tal se deve à generosidade de um colecionador privado, Francisco Capelo, que já foi determinante na criação do Museu de Arte Moderna de Sintra. A sua colecção é absolutamente única, e permite ter uma visão articulada do design do final dos anos 30 à actualidade.

Este depósito reúne perto de 600 peças de cerca de 230 autores, visando o mobiliário, objectos utilitários, vidros e ourivesaria. Dividindo a exibição por trechos, a primeira mostra consistirá em 170 peças organizadas segundo um percurso cronológico da evolução do design que tem início em 1937.

Este conjunto é de origem francesa e italiana do final dos anos 30 e de autores como Jacques Adnet, Paul Dupré-Lafon, Marc du Plantier, Jacques Quimet ou Jean Royère.

O CCB promete desde a abertura deste museu um intenso e aliciante programa de visitas guiadas e ateliers, para que a vinda ao museu não se baste com a apreciação das obras, mas que leve à compreensão do que é realmente o design, da sua importância no nosso quotidiano, da relevância dos materiais e das formas, ou dos processos de construção.

A partir de 1 de Maio

Galeria Cruzeiro do Sul, Centro Cultural de Belém

Todos os dias das 14h00 às 20h00

última entrada às 19h15

 Centro Cultural de Belém

A colecção Berardo e o CCB
Como é sabido, a colecção Berardo tem vindo a alargar o seu espólio, que se iniciava com peças dos anos 40, depois deste crescimento podemos contar com obras desde 1920 dos mais conceituados artistas do modernismo como Picasso, Magritte, Max Ernst, Chirico, entre outros. Por outro lado, estende-se agora até ao final dos anos 80. Por vontade do coleccionador, com a aquiescência da Câmara Municipal de Sintra, o CCB vai apresentar a colecção de forma alargada, uma vez que só cerca de 40 das suas obras foram vistas no Museu em Sintra.

Último trimestre de 1999

Galeria das Caravanas, Centro Cultural de Belem

Horada

Fundação das Descobertas - Centro Cultural de Belem

Praca do Império 1400 - 003 Lisboa

Telefones: (01)3612400 Fax: (01)3612500



Aleksandr Rodchenko [a nova Moscovo]

Pintor, escultor, gráfico, designer, arquitecto, cenógrafo e ainda fotógrafo.

Rodchenko foi ainda um dos expoentes máximos do construtivismo Russo.

Final Agosto - Outubro

Galeria das Naus

Centro Cultural de Belem

World Press Photo

Exposição itinerante e internacional de fotojornalismo

Setembro/Outubro

Galeria das Naus, Centro Cultural de Belem

Café Design

A "informalidade" de um sonho

Finalmente ultrapassada a barreira das intenções, a realização de uma exposição de Design Gráfico e de Comunicação nas instalações do Instituto Politécnico de Tomar tornou-se finalmente uma realidade, e promete não ficar por aqui.

Segundo os organizadores do evento (Gabinete de Design Gráfico da Associação de Estudantes do IPT), o Café Design foi um enorme sucesso, na medida em que se podem considerar atingidos todos os objectivos que

serviram de base à organização do mesmo, especialmente a continuidade dos encontros noutros pontos do país e de uma forma regular, mais técnicos noutros, embora os objectivos sejam os mesmos. Este modo como os alunos abordam o Design mediante a escola a que pertencem e o meio em que se inserem. Mais experimentalistas uns,

Durante uma semana foi possível observar trabalhos de alunos de diferentes escolas do país (IPT - Tomar, INDE e FBAOL - Lisboa, CSAD - Porto), ficando bem vincado o diferente modo como os alunos abordam o Design mediante a escola a que pertencem e o meio em que se inserem. Mais experimentalistas uns, mais técnicos outros, embora os objectivos sejam os mesmos. Este foi aliás um ponto bastante debatido nas conversas "informais" sobre design, que decorreram nos jardins do Centro 7 do IPT no dia 14 de Abril e que contaram com a presença de alunos e professores das

escolas que participaram na exposição e do Instituto Politécnico de Portalegre. Estiveram ainda representados o Centro Português de Design e a revista Portugal Gráfico.

Paralelamente foi ainda apresentado um projecto de 80 slides de Tipografia Urbana realizado por alunos de Artes Gráficas (1.º ano de 1997/98) em conjunto com o professor Jorge dos Reis. Ficamos agora à espera que o 2.º Café Design tenha ainda mais sucesso, para que seja cada vez mais divulgado o trabalho dos estudantes desta área. É esse o desejo daqueles que vêem o design não apenas como um futuro trabalho mas como uma eterna paixão.



Aa Bb Cc Dd Ee Ff

Gg Hh Ii Jj Kk Ll

Mm Nn Oo Pp Qq

Rr Ss Tt Uu Vv

Ww Xx Yy Zz

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Este é o alfabeto vencedor do concurso organizado pelo n.º 0 da I.E.

Alfabeto: **Pimentinha** (Corpo 68)

Autor: **Miguel Sousa**

Tipografia Bodoni

Em 1990, comemoraram-se os 250 anos de nascimento de Giambatista Bodoni. Para os mais distraídos, vale a pena lembrar que a classificação tradicional dos caracteres tipográficos se divide em várias categorias, sendo uma delas a categoria dos caracteres modernos. Bodoni foi o designer de tipos que teve mais influência na categoria dos modernos. Os seus tipos e a sua tipografia criaram um estilo que ainda hoje é usado em trabalhos onde a elegância é um dos principais requisitos.

A principal característica dos caracteres modernos são as suas finas e longas serifas.

Existe contudo um bem vincado contraste entre traços fortes e traços finos, que recentemente se aproximam de espessuras extremamente finas, conforme a ousadia do designer, tendo sempre como limite a imprimabilidade do tipo de letra.

Este contraste combinado com um sentido de precisão geral, resulta numa das principais

características dos tipos modernos - os contrastes na página impressa. Contudo, Giambatista

Um dos nomes que se aponta como

Bodoni era um pioneiro na tipografia em várias formas.

impulsionador da tipografia moderna é o de

Giambatista Bodoni. Este factor pode

completa sem se fazer referência aos antecedentes do seu tipo. Os predecessores podem ser

parecer até uma trivialidade, mas é

vistos em manuscritos humanistas do séc. XIV. Os caracteres tipográficos que seguiram o estilo

importante lembrar que nasceu há mais de

cursivo desde Uindelino da Spira e Jenson, pertenceriam hoje à família tipográfica dos caracteres

250 anos, e que mesmo assim, continua a

anguliformes, no que toca à forma das serifas, embora hoje em dia estas sejam de maior peso, ou

influenciar tipógrafos mais recentes...

traçado mais vincado.

A serifa fina e achatada pode ser encontrada nos livros copistas Venesianos do séc. XVI, apesar de

terem sido feitos muito antes da sua aparição em tipografia.

Os caracteres tipográficos criados por Claude Garamond que pertencem à categoria dos tipos mais antigos, com uma pequena e bem vincada serifa, dominaram a impressão tipográfica na Europa, continuando incontestados até ao final do século XVII. Naturalmente, o "Roman Du Roi", nome dado a este tipo, encontramos a fina serifa, franceses. Contudo, este novo tipo era protegido por um decreto real que, quando violado, seriam aplicadas penas mais severas do que as actuais penas de copyright. No entanto, os tipógrafos itinerantes sempre foram um mercado em expansão, e nos finais do século XVIII, Monsieur Fournier, contorna o problema, criando letras mais estreitas, e de menor dimensão, fazendo também pequenas modificações nas serifas, e evitando a criação de tipos muito parecidos. Uma nova geração de tipos começou quando Luis XIV concordou que uma família completa de tipos de letra Romana e Itálica, deveria ser criada para uso exclusivo da casa de impressão real começando em 1762, um comité de peritos a estudar a forma de utilizar um tipo de letra romano para produzir um tipo de letra perfeito. Jaugeon era o director do comité e as suas definições específicas apontavam precisamente para a forma geometrica pre-definida do tipo. Felizmente para a posteridade, que Philippe Grandjean, fabricante de matrizes para a imprensa, levou a cabo várias experiências para transferir o caractere das suas matrizes iniciais para o tipo actual. Entre as características resultantes do "Roi Luis XIV", nome dado a este tipo, encontramos a fina serifa, naturalmente, o "Roman Du Roi" exerceu uma influência considerável sobre os designers de tipos franceses. Quando a "Imprimerie Royale" foi estabelecida no Louvre pelo cardeal Richelieu em 1640, os principais tipos modernos utilizados nos seus trabalhos foram os Garamond. Quando a "Imprimerie Royale" foi estabelecida no Louvre pelo cardeal Richelieu em 1640, os principais tipos modernos utilizados nos seus trabalhos foram os Garamond. Fournier, contorna o problema, criando letras mais estreitas, e de menor dimensão, fazendo também pequenas modificações nas serifas, e evitando a criação de tipos muito parecidos. A fabricação de letras mais condensadas chamou a particular atenção das editoras de Amsterdão, que produziram volumes de bolso contendo caracteres condensados, apesar destes geralmente apresentarem traços da forma antiga das serifas. A influência crescente dos caracteres modernos, inspirou J. M. Fleischmann a desenhar um conjunto de tipos completamente novos para a fundição Enchede em Amsterdão entre 1730 e 1768. Todos os seus alfabetos exibiam linhas finas e serifas. Estes eram os caracteres que eram copiados em França por Fournier cujas versões eram usadas por Bodoni quando este começou a imprimir. Bodoni copiou estes caracteres e mais tarde criou os seus próprios desenhos onde a espessura de contraste era acentuada, mas aqui foi o seu ponto de partida. Com 26 anos, tendo trabalhado oito deles na "Propaganda fide" em Roma, Bodoni decidiu ir para Inglaterra. O seu desejo de trabalhar no estrangeiro havia sido estimulado pelo seu estudo sobre o trabalho de Baskerville. Bodoni contraiu malária durante o primeiro estágio da sua viagem tendo voltado de novo ao seu pais natal, para a pequena tipografia do seu pai em Salluzo (cidade natal). Trabalhar em

impressão, não podia nunca satisfazer artisticamente a ambição do jovem Bodoni, e assim, encontrou alguma em Saluzzo fundindo ornamentos que eram também populares comercialmente, actividade essa que ele tinha iniciado em Roma. Na mesma altura, ele começou a fundir o seu primeiro tipo Romano. O talentoso Bodoni não estava destinado a gerir o negocio da familia ate que ele se reforma. Através da intervenção do padre

coleção de material impresso com uma imensa variedade e valor.

Paulo Pacizudi, que tinha conhecido Bodoni em Roma

e que o tinha apoiado enviando-o para Parma para

volta de meados de 1790, ele desenvolveu o seu estilo próprio. A sua estreia foi auspiciosa. A sua técnica de

montar uma oficina de impressão na corte do Duque

impressão meticulosa, e o seu gosto tipográfico valeram-lhe uma tremenda reputação, tanto em toda a

de Parma. Quando Bodoni chegou a Parma, o jovem duque

Europa como também em Inglaterra.

Don Ferdinand tinha sucedido ao antigo duque, mas o

Autores ingleses, incluindo Horace Walpole, reclamaram ter o seu trabalho impresso em Parma.

verdadeiro poder por detrás do trono, estava nas mãos

A influência de Bodoni no design de tipos, foi igualmente forte. Seguidores do seu estilo, emergiram por

do seu primeiro ministro Guillaume Du Tillot. Este

toda a Itália, quase ao mesmo tempo Ambrose Firmin Didot estava também a experimentar tipos no estilo

honesto ambicioso e sem escrupulos, sonhava em

de Grandjean. O trabalho de Bodoni marcou o inicio da chegada de tipos modernos e da moderna tipografia.

transformar a residência Ducal no famoso centro para

Depois da sua morte em 1813, a sua viúva Paola Margherita, completou os seus livros inacabados incluindo a

artes e ciências. Parma precisava de uma importante

sua obra prima "Manuale tipografico" em dois volumes, que finalmente apareceram em 1818. Depois da sua

biblioteca e de uma oficina de impressão, se fusse

morte, a coleção foi comprada pelo governo de Parma que era um inventário que mostrava todos os tipos

necessário para rivalizar com as cortes de Paris,

incluindo 25.491 punções e 50.283 matrizes.

Madrid, e Turim.

A natureza dos tipos modernos, baseia-se na produção de muitas variedades. Tipos do final do século

Os 45 anos de Bodoni em Parma, viram nascer uma

passado particularmente de origem francesa, sem a subtilidade de Bodoni ou Didot combinados com uma

deterioração da qualidade de impressão, conduziram a uma reacção geral contra os tipos modernos.

ABCDEFGHIJKLMNOPQ
RSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvw
1234567890

Alto Basso Bodoni

ABCDEFGHIJKLMNOPQ
RSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvw
1234567890

O design de tipos antigos dominou a produção de livros

outra vez, depois do início do séc. XIX, e os tipos modernos como uma categoria, continuaram a receber pesadas críticas no início deste século.

Os gostos tipográficos mudaram, e "suave e elegantemente" pode tornar-se em "frio e desumano". Durante mais de 200 anos mudando os gostos para

melhor, os tipos modernos, particularmente depois do estilo Bodoni, mantiveram a sua posição contra todos os ataques sobretudo na tipografia para publicidade.

A história dos tipos de Bodoni no séc. XX, foi uma de revivalismo. A maior parte dos fabricantes de tipos produziram as suas próprias versões de Bodoni e a

história destes revivalismos tornou-se ela própria um pouco complexa, consideradas suficientemente verdadeiras para o espírito de Bodoni

A enciclopédia de tipos (edição de Jaspert, Berry and Johnson - 1970), diz-nos o seguinte: "existem dois modelos básicos nos designs modernos:

depois de 1907, possivelmente antecipado pela versão de Nebiolo, copiado por "The Monotype Corporation"

(ligeiramente mais quadrado e pesado) na Bauer em 1922. O quarto de século de cooperação na produção de tipos, entre Jost e

Georg Hartmann, foi o período

de maior sucesso de Bauer. Também vendo a fundição

da Futura de Renner e tipos desenhados por E. R. Weiss,

execução. Ironicamente, tendo em mente o trabalho de Benton para a A.T.F., foi altamente

Berthold Wolfe e F.H.C. Schneider,

recomendado na América, especialmente em Nova Iorque. Bauer editou o tipo em duas versões,

entre outros

Roman e Semi-bold, cada um com o seu itálico. Trabalhando para a imagem corporativa da IBM,

O Bauer Bodoni é reconhecido, como estando à parte de

Hari Gerstner escolheu o Bodoni Antiqua de Berthold para o logo. Gerstner especificou a produção

adaptações, que derivam do trabalho de Benton. É mais

de tipo mais fino, para o uso em publicidade, e a tipografia resultante, ajudou a estimular o

delicada, com um acabamento final muito fino, como

revivalismo do Bodoni actual. É interessante notar, que o novo peso do Bodoni de Berthold para a

resultado da extraordinária arte manual na Bauer,

IBM, se assemelha a alguns Bodonis de Giambattista originais.

A história complexa dos revivalismos do Bodoni, foi

Com a alta resolução das fontes de fotocomposição e as técnicas de design de tipos digitais ao

submetida a intensas críticas. A claridade da forma

seu dispor, o Director artístico de Berthold, G.B. Lange, começou em 1986 a produção duma versão

nos caracteres da Bauer Bodoni, especialmente a 72

do Bodoni, o mais próximo possível do original. Conseguiu - o ao ter acesso a uma página de um livro

pontos, permite uma comparação detalhada com os

composto manualmente por Bodoni, em corpo 14, que havia encontrado na biblioteca de Berthold

tipos originais. Tem sido apontado, que há um certo

Depois de passar por várias fases de melhoramento gradual, como é óbvio, Lange conseguiu

número de detalhes no tipo, particularmente nos de

chegar ao tipo de letra que pode ser encarado como o melhor revivalismo dos tipos de Bodoni a que

caixa alta, que nunca desaparecem no trabalho de

temos acesso hoje em dia.

Bodoni. Contudo, a maior parte destas diferenças,

Assim, passados 250 anos após o nascimento de Bodoni, os designers contemporâneos, optam por

desaparecem aos 24 pontos e abaixo, permitindo muitas

uma aproximação ao espírito original dos tipos "modernos" de Bodoni. Os tipógrafos que

críticas ao dizer que o design de Jost, produziu uma

necessitam de criar uma imagem para uma empresa envolvida na venda de material informático,

autêntica diferença em cor e forma,

encontram soluções em tipos de letra cujo estilo foi iniciado em Parma, no final do século XVIII.

Apesar de ser menos conhecido na Europa, do que outro

Publicações já agraciadas com prémios de design, utilizam layouts que se aproximam muito do

Bodoni, especialmente da Monotype, o Bauer Bodoni foi

"Manuale tipografico" de 1818. O impressor, desenhador de tipos e tipógrafo cujo aniversário de

reconhecido pelos melhores tipógrafos durante o

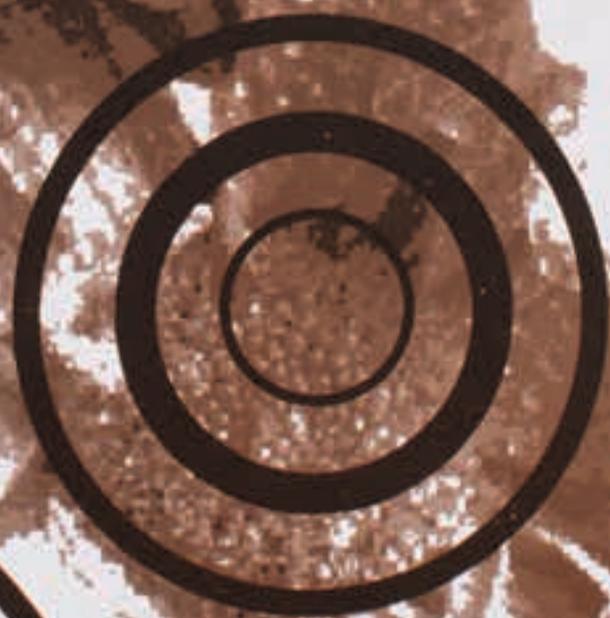
nascimento foi celebrado em 1990, no seu local de trabalho, continua a guar

período entre as duas guerras pela sua beleza de

o mundo de tipos de hoje.

da asas à tua imaginação.

Sê diferente!



Artes Gráficas em Portugal

SODECAL, Um Decalque De Qualidade

Fundada em 1972, a SODECAL iniciou a sua actividade como fornecedora exclusiva da SPAL - Sociedade de Porcelanas de Alcobaça, Lda, estatuto que manteve durante cerca de 20 anos. A carência do mercado nacional no que se refere a empresas especializadas em serigrafia para cerâmica (decalcomania), foi uma das razões que levou à criação e desenvolvimento da referida empresa. Em 1992, a empresa adquire o seu próprio edifício, abandonando assim as instalações até então cedidas pela sua associada. Um largo investimento, autofinanciado por inteiro, permitiu munir a empresa

A qualidade da oferta gráfica por parte das empresas nacionais é um objectivo cada vez mais conseguido, embora algumas metas estejam ainda por atingir, assim como mercados por conquistar. de equipamento produtivo de alta tecnologia. Hoje, seis anos passados, a oferta da SODECAL cobre não só as exigências da SPAL, como também de novos outros mercados dispersos pelos cinco continentes. Distingue-se, por exemplo, a prestigiada cerâmica

Nesta breve incursão pelas artes gráficas, apresentamos duas indústrias distintas, mas que se enquadram na mesma área, a da serigrafia. francesa. Tudo se inicia com um rigorosíssimo tratamento da criatividade humana, com o auxílio dos mais variados meios informáticos

Ilustres desconhecidas para uns, plenamente reconhecidas por outros, aqui se faz um pequeno resumo do seu historial, [software e hardware] e saberes técnicos dos seus profissionais. Tais concertações são então transformadas e produzidas em série com e até mesmo altas temperaturas. O resultado são decalcomanias

assim como da sua situação presente.



SODECAL

aplicáveis à cerâmica, faiança e vidro.

Diversos e meticulosos ensaios, são realizados a fim de garantir um produto final fiel ao original e de qualidade garantida. Em suma, e tal outrora foi escrito, em causa

está não apenas a beleza e precisão do design

Sediada na Espalhega, Nazare, e com cerca de 50 trabalhadores, a SODECAL aposta forte na informática, como também os níveis químicos das selecção dos inputs, a fim de garantir a qualidade dos outputs e a confiança dos seus clientes, matérias utilizadas.

Por outras palavras, é necessário proceder a uma escolha rigorosa na que diz respeito as materias integradas nos seus produtos, a fim de garantir uma qualidade que satisfaça as exigencias internas dos paises importadores dos seus produtos, especialmente na que diz

respeito ao cádmio e ao chumbo. Por este mesmo motivo, a SODECAL tem como principais fornecedores paises comunitarios, tais como a Grã-Bretanha, a Suíça e a Alemanha, os quais garantem desde logo a qualidade necessária. Outro dos factores merecedores de especial atenção, segundo aquela que é a filosofia adoptada pela gerência da empresa, é o ambiente de trabalho existente no seio da mesma. Aposta-se forte na formação profissional e na motivação dos seus trabalhadores, a fim de garantir uma estabilidade social primordial.

Como resultado da estrutura empresarial adoptada, surge, nada mais do que um crescimento anual de vendas, em muito superior ao apresentado pelo sector.



Uma filosofia de sucesso



Ideográfica, serigrafia ideal

O início...

A Ideográfica viu a luz do dia em 1974, tendo como directores gerais, o Sr. Lizuarte Borges e o Sr. António Carreira, construindo na área do pequeno formato, uma das mais competentes e prestigiadas indústrias de serigrafia e tampografia. Contando com cerca de 18 empregados, esta empresa vai evoluindo cada vez mais e com melhor qualidade. Esta imprime em diferentes suportes, como o vinil, PVC's, papel, cartolinas, etc. São especialistas na

impressão e asseguram também uma assistência

completa nos trabalhos gráficos. Tem uma longa lista de clientes, tais como, TAP, SIC, TV Guia, Banco principalmente por parte dos clientes.

Fonsecas & Burnay, Bayer, BP, Carrefour, Castrol, EDP,

Segundo as palavras do Sr. Lizuarte Borges, (director técnico da empresa, mais ligado entre outras,

à resolução de problemas técnicos que vão surgindo, é também responsável pela qualidade de um determinado trabalho e faz parte da área criativa, criando trabalhos de vários tipos, apesar de não ter tanto trabalho nesse campo como gostaria). "no início, não se trabalhava muito bem neste campo. A tecnologia era pouco avançada, logo a qualidade não era muito boa. Mas enfim, deu-se um salto bastante grande. Os clientes já têm um maior contacto com a serigrafia e sabem que trabalhamos bem e que os trabalhos saem com uma qualidade bastante boa. A nível de mercado internacional, posso adiantar que pelas coisas que vejo e pelos trabalhos que desenvolvo com



A qualidade e o resto...

multinacionais, não têm havido grandes reclamações por parte dos clientes." Mas aqui levanta-se uma pequena questão. Tem-se notado, ultimamente, e ao contrário do que há algum tempo acontecia, que os clientes se tornaram cada vez mais exigentes, nomeadamente na serigrafia" esclarece o Sr. Lizuarte Borges, "(porque a empresa também tem 3 máquinas de lampografia) e principalmente da parte das agências de publicidade, porque a qualidade é exigida



também por parte dos clientes deles. Mas temos tido sempre capacidade de resposta e de ainda satisfazem os nossos pedidos. Enfim, acho que nós portugueses, resolução dos problemas, assim como uma qualidade razoável trabalhamos bem e somos mais metódicos e rigorosos.

Torna-se óbvio que cada vez mais tecnologia avançada é sinónimo de qualidade nomeadamente no campo da serigrafia. Acho que estamos no bom caminho". Na busca de uma maior qualidade, assim como diversidade de nível de equipamentos e de meios de obtenção da tão almejada qualidade. Estará Portugal ao nível dos outros países europeus, principalmente naqueles que são considerados como líderes na indústria da serigrafia? No que toca à qualidade, o Sr. Lizuarte Borges acha que sim. Como ele diz, e depois de algumas deslocações ao estrangeiro, onde frequentou cursos na Suíça e na Inglaterra, expansão da empresa, num

"tenho visto e trouxe inclusive, vários exemplares de trabalhos. Tanto os processos como os materiais são exactamente os mesmos, desde as tintas aos equipamentos, sensibilizadores, entre

outros. Mas é claro que lá fora se lida com outro tipo de mercado e exigências diferentes, por isso,

não se pode generalizar a questão. Talvez os equipamentos eles estejam mais avançados, mas isso num campo mais técnico, a serigrafia torna-se um processo ainda também tem a ver com a oferta e a procura de um determinado tipo de trabalho". Em termos de mais aliciante em termos de impressão, (principalmente em trabalhos de selecção), devido ao facto de ter que haver um controlo de efeito moiré numa quinta trama (a da tela) além das quatro

habituais. Antes disso, a pré-impressão tem que ser perfeita, para que não haja depois problemas na impressão. Para o Sr. Lizuarte Borges, "todos os passos são importantes. Se um deles falha,

Pré-impressão



o trabalho não irá sair com a qualidade devida. Um dos problemas mais frequentes com que nós nos deparamos, é a camada da emulsão que muitas das vezes vem ao contrário, porque nós mandamos fazer os fotolitos fora da empresa (mas fazemos a montagem),

ou então estes vêm em mau estado. É preciso ter muito cuidado especialmente em quadricromias". Por uma questão de despesa, a Ideográfica não faz a saída de fotolitos dentro da empresa, porque "ter uma unidade de saída só para uso da empresa, ficava muito caro,

Alem de se poupar dinheiro, poupa-se também trabalho e se houver erros com os fotolitos, a responsabilidade é do cliente". Assim, é pouco normal que um trabalho seja impresso para depois ser destruído, ou por outras palavras, "atirado para o lixo". Raramente isso acontece, mas "pode acontecer quando o cliente resolve fazer alterações de última hora ou devido a erros que não previu, mas tentamos sempre arranjar uma

solução para evitar esse desperdício de tempo e de dinheiro. Quando é um trabalho de grandes tiragens, mesmo que o cliente não o exija, fazemos sempre uma prova para mostrar primeiro ao cliente"

Estão as empresas de artes gráficas receptivas a novos trabalhadores, sendo estes formados a nível superior?

Nota-se, ainda, um certo receio da parte das empresas em partilhar aquilo que sabem com os alunos. Talvez devido ao facto de a maioria os encarar como seus concorrentes, ou adversários. O Sr. Lizuarte é peremptório neste assunto: "Não posso responder pelos outros, mas em relação a nós, não temos o mínimo de problemas em ensinar tudo aquilo que aqui se faz. Acho

que isto acontece um pouco devido a pouca informação que existe. É conveniente para todos, novos e velhos, que o mundo das Artes Gráficas evolua a cada dia que passa, de geração em geração para melhor responder às exigências dos nossos clientes. É muito bom que apareçam aqui pessoas como vocês que queiram aprender sempre mais. Eu lembro-me que há 20 anos, nós éramos das únicas empresas a receber os clientes dentro da própria fábrica e a mostrar-lhes como o seu trabalho iria ou estava a ser feito. Normalmente, eles eram recebidos à "porta fechada", com uma certa reserva, estes não sabiam sequer que materiais iriam ser utilizados".

Sendo o curso de Tecnologia e Artes Gráficas um dos únicos a nível nacional que prepara alunos a nível de ensino superior para o mundo da serigrafia, tornava-se uma questão imperativa saber a opinião do nosso interlocutor sobre o curso. "A minha primeira impressão é boa", diz. "Acho que desenvolvem um bom trabalho a nível geral e que saem preparados minimamente para o mundo do trabalho. Inclusivamente, acho que deveriam existir mais escolas para que houvesse uma maior divulgação desta área tão importante nas nossas vidas".



As questões habituais ?

Animacão

Tipográfica

DIA

Mais 1 Dia...
mas este não  1 Dia qualquer, mas sim o Dia que foi o Dia,
não por já não ser a noite anterior,
mas por ser
realmente aquele dia, o Dia... ou talvez até nem fosse o Dia,
mas sim um dia qualquer...
Se calhar até nem era Dia?
Dia
Ah! ...O Dia em que o sonhei?!

Sonhei?...
...Agora resta-me esperar que o sonho se concretize.

Haverá outro Dia?

TRACEI UM RISCO

RISQUEI UM TRAÇO

PERCORRI O CAMINHO

QUE NOS LEVA À ARTE

SONHEI-O ...

TENTEI SER ARTISTA,

ACORDEI ...

SE O CONSEGUI NÃO SEI,

POIS APENAS ...

RISQUEI UM TRAÇO E ...

TRACEI UM RISCO .

TRACEI UM RISCO, RISQUEI
UM TRAÇO!

NO

O

se a LG
ACONTECE
é pORQUE

O

CÉU É

AZU

N

Qu(- M_E rAsGuEM os oZHOs

DE Sil^{enc}ios (Umpli_cE_s

fU_Do p_{Ar}E_cE NaS_çõ_{es} um \sum m eNTo

em A Bri_çõ_{es} oisA O SE^u Δ Ançar?

Uma MirAg^mõ_{es} DE s MED!O_v

DIS_{IS}tANçA DO OZ^s A Te^r e DA A Gu \wedge ...

A v_i)_A é Um Mist^{is}ÉriO ?!

0
AAR
AUII

z



o teu sorriso não é de ninguém
vagueia no espaço do ser e não ser
é sol e Lua. é sorte e azar
o teu sorriso não é de ninguém

...

não o teu sorriso é meu,
só meu!

Existe quase sempre um claro desfasamento entre a evolução tecnológica geral e a profissionalização dos trabalhadores com formação técnica na indústria das artes gráficas. Em geral, a actualização que se leva a cabo nas empresas, é simplesmente por intuição resultando em muitos casos num fracasso muitas vezes fatal para as mesmas. A necessidade de uma reciclagem constante dos conhecimentos para melhorar e preparar as empresas, para enfrentar uma concorrência cada vez mais dura, faz do curso de Tecnologia e Artes Gráficas, uma peça importante para a dinamização do sector gráfico em Portugal.

Muitos alunos do departamento de Tecnologia e Artes Gráficas e outros de cursos ligados indirectamente à indústria gráfica, preocupam-se em saber se o mercado de trabalho está preparado para recebê-los, mas também se interrogam sobre a "bagagem" com a qual se sai dos diferentes cursos, e se é adequada, ou insuficiente, para as diferentes necessidades. A I.E. decidiu ir ao encontro desses antigos alunos do departamento para saber como foi para eles essa inserção. A entrevista abrangeu uma grande variedade de antigos alunos que se inseriram no mercado de trabalho em épocas e anos diferentes, e que se encontram agora ligados a distintos ramos da indústria gráfica. Em conversa, qualquer aluno entrevistado afirmou ter-se sentido bastante

É agora? Acabado o curso, a próxima etapa é entrar no mercado de trabalho. Embora inicialmente o futuro esteja pintado de azul, a verdade é que depressa se torna negro, ou não fosse este cantinho à beira-mar plantado a terra das ilusões desvanecidas. Antigos alunos do curso de Tecnologia e Artes Gráficas do Instituto Politécnico de Tomar relatam-nos as suas experiências de entrada na vida trabalhadora. Só facilidades ?!

Emprego

capacitado para responder às necessidades das empresas onde desenvolveram as suas actividades, mas uma grande maioria, acha que foram mal aproveitados - "As empresas Portuguesas ainda não sabem bem para que é que existe um curso de Tecnologia e Artes Gráficas, não sabem qual a função de

um bacharel em Artes Gráficas". Outros alunos, baseados nas suas experiências de trabalho, afirmam que as entidades empregadoras reconheceram bastante bem o curso. - "Tenho ouvido algumas apreciações no sentido de nós não sairmos bem preparados deste curso. Acho totalmente falso, uma vez que, como é sabido num curso superior cada um sai a estagiar em boas empresas ["conta para o currículo"], mas também temos de preparar um completo portefólio para mostrar na prática o que sabemos fazer - "é muito importante para se poder ir trabalhar no estrangeiro". Mas por fim foi-nos dado um grande conselho para a nossa actuação nas empresas e com a qual acabamos esta entrevista. "Sejam humildes quanto basta, não o sejam em demasia, façam com que sejamos reconhecidos como técnicos superiores especializados". Não podíamos deixar de saber o que pensavam sobre a nova licenciatura em Tecnologia e Artes Gráficas que viu a luz do dia no início deste ano.



FUNDAÇÃO para a DIVULGAÇÃO das TECNOLOGIAS de INFORMAÇÃO

Ficámos surpreendidos em verificar que todos já tinham conhecimento da sua aprovação, mas que poucos sabiam do seu conteúdo, e em que área ia especializar-se.

Após lerem cuidadosamente o plano curricular da licenciatura e todas as suas cadeiras, os antigos alunos gostaram do novo desafio que se apresentava para todos eles e muitos pensam em regressar às fileiras do departamento.

As cadeiras de multimédia, foram as mais apreciadas e que despertaram mais interesse - "Vem colmatar certas falhas que existem em torno das novas tecnologias de informação". Mas além de valorizar o curso na sua totalidade, vem dar oportunidade aos novos licenciados de poder optar pela carreira docente - "Podemos de agora em diante ser os sucessores dos nossos docentes. Com a responsabilidade de perpetuar e desenvolver os objectivos e os desafios do curso de TAG."

ficamos à espera...



As tecnologias de informação estão a tornar-se cada vez mais importantes no dia-a-dia da sociedade, e na preparação dos jovens para o mercado de trabalho.

A evolução frenética da tecnologia e da ciência, obriga as empresas de hardware e

principalmente software, a uma inevitável actualização que todos devem acompanhar.

O aparecimento dessas novas tecnologias, e a necessidade de uma constante

divulgação dos novos conhecimentos técnicos e científicos, obrigaram vários

organismos públicos a criar a FDTI (Fundação para a Divulgação das Tecnologias de

Informação). Esta instituição, (com a qual o Departamento de Tecnologia e Artes

Gráficas sempre pôde contar, através do simpósio que se realiza anualmente, o Arttec),

desempenha um papel de grande peso para o desenvolvimento humano.

Hoje em dia, podemos dizer que quase já somos controlados por computadores.

cultural e intelectual dos jovens estudantes.

A FDTI foi instituída em 1991 e fundada pelo Instituto Português da Juventude e o

As nossas acções, ou muitas delas, estão dependentes de um pequeno toque num botão.

Instituto de Emprego e Formação Profissional. O seu principal objectivo, é divulgar os

conhecimentos técnicos e científicos, nomeadamente as

É mais forte que nós... Por esta razão, se

tecnologias de informação, baseando-se nas suas várias actividades. Tais actividades

torna necessário acompanhar a marcha

contribuem para preparar, formar e apoiar a comunidade e em especial os jovens.

evolutiva da tecnologia. E se for com a criação

tentando responder aos desafios da sociedade contemporânea.

de instituições direccionadas para este

efeito, a ajuda é demais agradecida...

FDTI

Esta instituição desenvolve um conjunto de actividades relacionadas com ciência e a tecnologia, passando pela sensibilização das mesmas. Por exemplo, através do programa Inforyovem, tratando-se este de uma iniciativa governamental de âmbito nacional, a FDTI promove a difusão das tecnologias de informação junto dos jovens portugueses. Com esse objectivo, a Fundação detém cerca de duzentos centros espalhados por todo o território nacional. O programa Galileo,

que é vastamente conhecido, é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Juventude, cuja gestão e coordenação foram atribuídas à FDTI.

Trata-se de um programa de âmbito nacional da ciência e tecnologia, para a juventude, e visa a divulgação de conhecimentos e a sensibilização para o mundo tecnológico que nos rodeia.

Existem muitas outras iniciativas desenvolvidas pela FDTI, tais como o projecto da televisão interactiva, a investigação e desenvolvimento, a edição de manuais e documentação técnica, entre outras.

Aconselhamos todos os jovens a tomar conhecimento dos diferentes projectos, junto dos centros e delegações deste organismo.

A FDTI veio colmatar uma grande falta que já se fazia sentir há algum tempo. Congratulamo-nos pelo facto de existir um tal instituto com o qual esperamos sempre poder contar.



Henrique Cayatte



Foi naquele fim de manhã, na rua Coelho da Rocha, n.º 69, no atelier 6, ao Campo de Ourique, em Lisboa, que esperámos de pernas bambas e de nó na garganta, por Henrique Cayatte. Era a nossa primeira entrevista. O que é certo é que não poderia ter corrido melhor. Henrique Cayatte é um hábil conversador e, sabendo ele que éramos estudantes, só nos facilitou a vida.

Tivemos uma conversa inicial em que lhe expusemos os temas gerais em que se basearia a nossa entrevista.

Os nossos industriais estão a fazer face à competição espanhola e não só, mas também, do resto da Europa?

Ainda estão a conseguir, mas arriscam-se a deixar de conseguir, por várias razões, tais como a Internet, que permite a consulta de mercados, que de outra forma eram mais complexos.

Mas a indústria está a mudar bastante e ao mesmo tempo que está a mudar e que se está a equipar, tem de haver uma mudança de mentalidades de quem está na indústria gráfica. Os patrões, toda a gente, porque entretanto está a acontecer outra coisa e que é importante para a indústria nacional, não é uma vez, nem duas, nem três, que se vai encontrar mais barato, mais rápido, mais qualidade no estrangeiro do que em Portugal. Basta ir a Espanha e este é um

problema que deveria fazer reflectir a indústria gráfica portuguesa.

Qual a sua opinião sobre o nosso curso (Tecnologia e Artes Gráficas) tendo em conta que agora é uma licenciatura bietápica?

O mundo de trabalho de hoje, exige cada vez mais profissionais ligados ao design. As escolas estão a atirar para o mercado de trabalho cada vez mais jovens preparados para fazer esse caminho.

Se há escola que em Portugal, tem tido cuidado em ter boas instalações, bom equipamento, bom corpo docente, bons currículos, boas iniciativas associadas ao curso, como é o caso do Artec (ao qual já fui três vezes) tem



sido a escola de Tecnologia de Tomar. Tem falhas com certeza, como todas as escolas têm, tem bons e maus professores, como todas as escolas têm, saem bons e maus alunos, como em qualquer escola, mas a escola de Tomar consegue, na minha opinião, criar um terreno firme, um terreno seguro para poder ter uma exigência de qualidade. Portanto, eu acho muito bem que a escola esteja a trabalhar nesse sentido e que esteja a fazer correcções (com certeza que sim). Não conheço bem os currículos, conheço em termos gerais, não conheço suficientemente para fazer uma crítica muito mais fundamentada do que esta. Mas se calhar, a escola está a imprimir níveis de qualidade que depois têm de ter uma correspondência com o mercado. Porque senão, o que é que acontece? Há um mercado que exige jovens profissionais com qualidade e nós não os temos formados. esse é que é o problema e esse problema da licenciatura e do bacharelato, vai ser porventura uma doença infantil do crescimento da escola, assim como se tem papeira ou sarampo. A escola de Tomar está no bom caminho, tem muito a aprender, seguramente que tem, mas está no bom caminho, está bem colocada, está no centro do país, tem uma boa postura nacional, excelentes condições. (inulgares em Portugal ou em outro país qualquer) tem o corpo docente que é possível ter. Não se pode esquecer que a profissão é relativamente recente em Portugal. Eu nem sequer tenho formação em design, venho da pintura, o Sebastião Rodrigues tem um curso de serralheiro mecânico, o José Saramago foi serralheiro mecânico, portanto há aqui algumas profissões que são recentes em Portugal de alguma maneira, obviamente que escritor não. As pessoas muitas das vezes chegam por mérito a determinado estatuto profissional e são infinitamente melhores do que as pessoas que têm cinquenta canudos, não é por se ter um canudo que se é bom.

A minha opinião sobre o curso, é que eu acho que todos os passos que vocês têm dado, têm sido excelentes e, mas a articulação com o fim do curso, com o mercado de trabalho não depende só da escola ... depende em grande medida da ligação com o estado, e depende também de vocês.

Acha que os jovens portugueses têm um futuro promissor neste mercado de trabalho?

O mercado tem que exigir aos jovens novas maneiras de estar na profissão. Eu não sei se isso é um discurso que passa num curso, ou seja, se calhar é com os Artecs, convidando pessoas de fora, as pessoas vão lá e de repente dizem: cuidado está aqui esta pequena bomba, eu vou dizer - vos algumas ideias sobre esta bomba, mas vocês é que a vão ter que despoletar, senão vai explodir, vocês vão pôr as vossas cabeças a funcionar.

É completamente diferente, e este é o primeiro dado para quem sai de uma escola, ir com um portefólio, ou ir já com uma situação que se aplica objectivamente à linha editorial de uma determinada editora (por exemplo). Da mesma maneira que antigamente se ia a uma determinada empresa para se pedir trabalho, agora não é isso que as empresas estão à espera de ouvir. Estão à espera de ouvir é que há alguém muito bom em ilustração, muito bom em paginação, e que ofereça os seus serviços, tenha computador em casa, tenha um scanner, tenha uma impressora, se está ligado em rede ou não está, e o

trabalho segue e é feito dessa maneira.

As empresas não querem engordar, por causa de eventuais curtos-circuitos no ciclo de trabalho.

Menos finalistas de um curso como o vosso, têm de estar seguramente bem apetrechados do ponto de vista técnico, é para isso que a escola lá está e têm

que estar pelo menos com os olhos, com a cabeça e com os ouvidos bem abertos, para ir em criar linhas de

pesquisa teórica, conhecer exemplos práticos e ir em investigar, não é ter licenciatura ou o bacharelato, fechar todas as fotocópias, todos os sites, todos os

cd-roms, e porque já tenho o caudo, agora vou para o mercado de trabalho e nunca mais evoluo.

Esse profissional está ultrapassado muito rapidamente, porque entretanto não ouviu, não falou, não trocou ideias, não leu, não nada.

Um dos piores defeitos que nos portugueses temos, um

das nossas traços de personalidade enquanto pessoas,

[e que felizmente está ser ultrapassado] é a utilização

do alibi, não vim ao trabalho porque a minha filha está

doente, hoje choveu e eu tenho uma articulação

[a décima terceira, a contar da direita de quem entra] fazer? "Porque é que aceitaste o trabalho, tardissimo para o fazer bem?" "Não tive ideias..."

que está a doer e não posso ir, eu sou bom, eu queria

fazer isso melhor mas há aí uns malvados que me

imprimiram mal o trabalho, o papel é pessimo, o

scanning foi terrível, eu sou bom mas, mas, mas, mas,

Eu acho que nos temos que fazer face ao alibi, se

resistência de betão, quando saem para o mercado de trabalho, eles também têm de ter

consciência de que se estão a formar bem,

cometemos um erro, se não tivemos pernas para fazer

o trabalho bem, se não assumirmos isso logo e

tentarmos saber porque é que isso aconteceu...

Internet, o webdesign.: como é que se estão a sair os designers portugueses nessa área?

Estão - se a sair bem. Foi das coisas que nós em Portugal, curiosamente começámos por cima.

A Internet chega a Portugal, com a revolução do digital, com o computador, chegou tudo ao mesmo

tempo. Nos outros países também foi, mas em Portugal foi mais ao mesmo tempo e, apanhou já

muitos profissionais jovens e, quando eu digo jovem, digo que um jovem tem sempre menos

problemas de cabeça do ponto de vista funcional para utilizar os computadores. Esta capacidade

exploratória, apanhou num bom momento os nossos designers para o Multimedia e, por definição,

a própria Internet permite duas coisas em simultâneo: a exploração do que se faz no resto do

Mundo, e a possibilidade de nós fazermos logo a seguir [não estou a dizer que se copie].

O que é que antigamente acontecia? Nós tínhamos mais ou menos formação, se tivéssemos

cabeça para ir a bibliotecas, se tivéssemos dinheiro para comprar livros e revistas. Hoje na Internet há um acesso, há informação imediata, portanto aqueles pequenos pormenores que nos atraem num site estrangeiro, um jovem incorpora isso mais rapidamente (vai fazer parecido, vai copiar no limite, vai ter influências, vai fazer de novo, mas viu e foi fazer). Nós não temos um Webdesign forçosamente pior que o

Webdesign que se pratica lá fora. Penso que é capaz de não haver ainda, em Portugal, reflexão suficiente

sobre Webdesign e, sobre a Internet.

Há relativamente a isso, algumas coisas que são cómodas e que têm sido adaptadas em Portugal.

Primeiro apareceu o papel sem cloro, e as pessoas disseram: já estamos a ajudar o ambiente,

depois começou a haver o papel reciclado e, já estamos a ajudar mais o ambiente. As pessoas esquecem-se que as colas, muitas delas, não são recicláveis, as tintas, muitas delas, não são

recicláveis e, há aspectos em todo o circuito do design que não é reciclável. Os designers têm,

curiosamente, no estrangeiro, participado muito nesta reflexão sobre o Eco design. Têm havido

muitas conferências no estrangeiro sobre este tema. Qual é o problema aqui? O problema é que

Eco design não é só preservação do ambiente, na minha leitura, Eco design é ajudar a abater

barreiras arquitectónicas, barreiras de comunicação para pessoas deficientes, reflectir sobre o

design para cegos, reflectir sobre o relacionamento do design e a arquitectura, reflectir a

relação entre o design e a educação das crianças. Para mim, isso é Eco design. Eco design não é só

tentar que o buraco da camada de ozono não seja cada vez maior, ou que não hajam chuvas ácidas sobre as florestas, isso é uma parte do problema.

Para haver uma reflexão sobre Eco design em Portugal, nós temos de envolver muitas entidades,

temos de envolver os designers, temos de envolver os clientes, temos de envolver os

Uma questão ambiental! Fala-se em Eco Design no design de equipamento, industrial... e o design gráfico? Existe a preocupação do impacto ambiental do objecto/produto gráfico final, dos passos que esse produto percorre?

consumidores, temos de envolver a indústria gráfica.

Temos de envolver o ensino e, ainda não foi feita, em

Portugal, nenhuma conferência sobre Eco design, ou

uma reflexão séria sobre Eco design, mas Eco design

neste sentido vasto.

No projecto de sinalização e comunicação do recinto da Expo' 98 desenvolveu um trabalho de equipa com designers de outras nacionalidades. Como foi essa experiência?

O Eco design tem de ser entendido dessa maneira, e não

apenas se eu uso ou não uso coisas que vão poluir de

imediatamente, se polui a água, se polui o ambiente. Esse é o

lado pequenino do Eco design. O Eco design é uma coisa

mais vasta: é se nós temos pessoas com graves

problemas visuais desenhar teclas maiores, para as

pessoas verem, é encontrar sistemas para auxiliar as

pessoas que têm dificuldades concretamente e,

obviamente, também usar materiais recicláveis,

materiais que possam ser reciclados, etc., etc

O designer, dizia o Adrian Mole, "é o engenheiro do meio

ambiente, e o meio ambiente são as pessoas". É por isso

que quando eu falo em Eco design, não falo só nas

chuvas ácidas, falo nas pessoas também

fascinante, das melhores experiências profissionais a esse nível, aprendi muito, divertimo-nos

muito, trabalhamos muito, somos hoje dois grandes amigos, foi extraordinário, ver ainda, que

duas pessoas que embora profissionais do mesmo ofício, com formações diferentes [eu vim da

pintura e ele da arquitectura], com diferenças de idades, eu a trabalhar e a viver em Lisboa,

ele a trabalhar e a viver em Milão, como é que houve um clic, praticamente instantâneo, relativamente a tudo, a todas as propostas, tanto ao nível do gosto, como a nível da visibilidade e legibilidade. Nós desde o início, defendemos uma posição que poderia ser polémica, poderia ter vindo a ser, mas não foi. É que nós não iam gritar com a nossa sinalética, vamos fazer uma sinalética discreta, que se integrasse naquele espaço urbano (não estávamos a fazer sinalética para uma auto-estrada), não vamos fazer um painel gigante a dizer: "ca-sa-de-ba-nho". As pessoas estavam a passear na Expo, ninguém estava em stress na Expo, ninguém ia para o trabalho, ninguém precisava dramaticamente de uma informação que não pudesse ser dada pelos acessórios. A sinalética de saída era

importante, a de primeiros socorros, com certeza que

Participaram centenas de designers portugueses na Expo.

sim, polícia também, casas de banho, também, havia

Obviamente, que trabalharam muitos designers estrangeiros, nos pavilhões nacionais, entre

três ou quatro num ranking de setenta funções que

outras coisas, mas a maior parte foram designers portugueses, das coisas mais extraordinárias,

teriam de ser postas à cabeça,

desde projectos ligados à robotização, ligados à realidade virtual, ligados ao design

Propusemos à Expo que abrisse outros concursos, nós

de comunicação, ao design de equipamento... foi fascinante o produto final!

funcionámos como consultores, para poder alargar o

leque de designers que iriam trabalhar para a Expo,

para ter melhor qualidade e mais contribuições.



Uma crítica ao design em Portugal...

Quanto ao design em Portugal... o design em Portugal está cada vez melhor, felizmente. Naja mercado, haja clientes e consumidores que percebam que o design português está cada vez melhor. Começa naturalmente do exercício da profissão. Aconselho os jovens designers a não terem objectivo como o sucesso e o dinheiro, mas terem como objectivo aprenderem, tentarem fazer o melhor que sabem, mas está longe de estar bom, muito longe. O designer trocaram experiências, se tudo correr bem, acabarão por ter dinheiro e acabarão por ter sucesso (embora pense que o sucesso não é uma coisa que deveria estar no horizonte português está melhor, mas ainda lhe falta alguma textura, alguma densidade, falta-lhe algum aparato teórico, falta-lhe alguma reflexão, falta-lhe explorar para as coisas do dia a dia. Tenho referências éticas e ontológicas/deontológicas de qualidade de caminhos próprios, falta-lhe não andar tanto na moda, pessoas mais velhas, umas vivas outras que já morreram, em Portugal e no estrangeiro, que são falta afirmar-se. Defendo também que o designer não deve ser o protagonista, o designer deve estar no backstage do trabalho. Cultivo a posição que o designer tem que ter lowprofile, os designers devem falar sobre design e devem falar no limite sobre questões de cidadania - sim ou não à regionalização, sim ou não ao aborto, sim ou não à democracia, sim ou não a milhares de coisas, aliás, os designers são cidadãos como os outros, têm direito a intervir. Acho que é perigoso os designers mediatizarem-se, terem um esquema de promoção, como por exemplo, começa a acontecer noutras áreas, como por exemplo a arquitectura, como

A máquina só poderá ter uma má influência sobre o Homem...
Se este a não souber dominar



Gratifico a imaginação...
Design
Gratifico a criatividade...



Gráfica

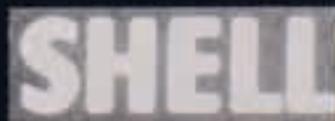
Evolução

A identidade corporativa, é um meio utilizado pelas organizações para alcançar determinados fins. Através da criação de uma identidade, a organização dá-se a conhecer ao mundo, dá a conhecer a sua imagem de marca que vai ser mais, ou menos, bem aceite por parte do público. Aplicada ao ser humano, a identidade corporativa é como a nossa personalidade, é aquilo que nós damos a conhecer aos outros. Tendo em conta tudo isto, há certos aspectos e cuidados que o designer tem

de ter em conta na criação de uma identidade, a clareza, a fácil identificação e compreensão, bem como deve reflectir certas características dessa organização.

Desde o nascimento da humanidade se fala em evolução. Necessidade? Obrigatoriedade de mudança? A imagem da organização está patente no seu nome, no símbolo, no logotipo, nas cores e nos meios utilizados pela organização para se diferenciar das companhias rivais, geradoras de competitividade. Ponto assente, é a evolução que as marcas gráficas têm sofrido ao longo dos tempos. Nivea e Shell são dois grafismos que não passam despercebidos aos olhos de todos, e que, aqui reside a maior dificuldade por parte das companhias, uma vez que o público vai ter o direito de opção, ou uma, ou outra. Inevitavelmente, a personalidade de uma companhia e a imagem desta como é óbvio, têm sofrido um processo evolutivo que chamam a si as atenções, perante o público vai influenciar directamente esse mesmo público.

Adaptações ao design da época? Ou apenas a criação de um design próprio?



Peter Behrens, que se pode considerar como sendo um pioneiro no design, foi também um dos primeiros a criar uma identidade corporativa. Foi ele o principal responsável pela imagem de marca da companhia alemã AEG.

No caso das grandes companhias petrolíferas, o seu sucesso envolve cada vez mais a diplomacia, uma vez que necessitam da obtenção dos direitos para a exploração de petróleo em vários países. Assim, a criação de uma simbologia, é uma forma de mostrar o seu poder no mundo exterior.

Um bom exemplo disto é a Shell. A reputação desta companhia é caracterizada por uma extraordinária extensão do seu nome e da sua imagem de marca e por isso se gastam milhões para a criação e evolução de uma marca / identidade. Tal como todas as companhias,

a Shell, usou uma multiplicidade de nomes e identidades para todos os seus produtos, até se aperceber do facto de que um só nome, uma só identidade para todos os seus produtos era mais eficiente, mais facilmente identificável, mais fácil para o público decidir e mais facilmente se identificar com a marca. A marca é



associada à qualidade do produto, à variedade dos produtos, à lealdade da companhia perante o público e à

familiaridade desse mesmo público para com a marca.

Hoje que diz respeito à criação de uma identidade encontramos o termo monolítico. Este termo aplica-se a um único símbolo, um único visual para a companhia.

Uma das características da identidade monolítica é a sua longevidade.

A Shell assumiu uma identidade do tipo monolítica,

aplicando um estilo único em todos os veículos, estações de serviço e lojas, edifícios e campanhas de sensibilização em todo o mundo. Como se pode ver nas

imagens, houve uma evolução regular no símbolo da Shell ao longo de quase um século - actualizou

as formas do seu símbolo, alterou a tipografia e as cores - mas a ideia base, os elementos que dão

consistência à marca desde o início, continuam a existir. Uma das razões que se prende com a

questão da evolução dos símbolos / logótipos, é a tal longevidade dos símbolos e das marcas que

adoptaram uma identidade monolítica e que, por isso, encontraram períodos, mentalidades e

sua longevidade.

correntes artísticas diferentes que impunham uma actualização desses mesmos símbolos.



NIVEA

De um lado, a simplicidade de conteúdos, do outro, o conteúdo simples, mas eficaz. Difícilmente alguém concebe um mundo em que o creme NIVEA não existisse.

Mas o mundo era assim em 1911, quando apareceu uma caixinha amarela. Sim, amarela, não é gralha. De lá até então, a sua embalagem passou por um processo de evolução gráfica,

onde apenas uma fórmula simples de água e óleo baptizada de NIVEA, do latim nix, nivis, ou seja neve. Depois disso,

NIVEA era a bola onde marcávamos encontros na praia.

Actualmente, trata-se de uma linha extensa de produtos que inclui corpo, rosto, cabelo, sol, banho e cosmética. A sua imagem mantém-se inalterável: suavidade, harmonia e simplicidade,

tonalidade de azul escuro com um filete branco em toda a volta e a palavra NIVEA em caixa alta também em branco. Este grafismo manteve-se

inalterado até 1959, onde já aparece o actual logotipo com o lettering Creme em caixa baixa e itálico.

É apenas em 1970, que desaparece o filete branco em volta da caixa. Daí até aos nossos dias, o lettering tem sido ligeiramente reduzido dimensionalmente. Apesar disso, a sua imagem continua acolhedora e familiar, como sempre foi.



Projeto Nivea, Miguel Soares
Projeto Soal, Jorge de Melo

NIVEA

Foto reportagem

A cidade que já foi rio

Nabão não é um rio velho.

No termo "Naba" está ligada a ideia de abundância de peixe existente no seu leito (barbo, boga e bordalo).

No meio da cidadezinha a afagá-la como um namorado.

o rio. O rio a dar-lhe a frescura. o rio a dar-lhe o pão.

No verão regato. fio de água ou leito seco com passos o rio a dar-lhe graça. O rio a envolvê-la de lirismo.

aqui e ali. Isso sucede ao correr por terras da O rio era então verde. Verde dos chorões, verde de

Freixianda. Toma, depois, um pouco de alento ao receber salgueiros, verde de choupais.

as águas das baixas de Caxarias e de Serca, verde de amieiros...verde de bunho.





Foto pag. 40 - Jorge de Vale - Régua/Sanches - Sandra Lucas - Sinau Henriques

Foto pag. 45 - Régua/Sanches - Sinau Henriques

Foto pag. 46 - Sandra Lucas

Foto pag. 47 - Jorge de Vale

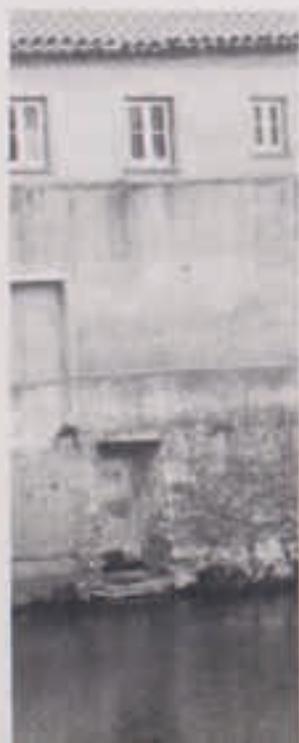
Foto pag. 48 - Régua/Sanches

Foto pag. 49 - Jorge de Vale - Sandra Lucas

Foto pag. 50 - Sandra Lucas - Sinau Henriques

Foto pag. 51 - Sinau Henriques

Foto pag. 52 - Sandra Lucas



Mas continua ainda a ser regato, salvo nas horas de invernia e enxurradas.

Rio, mesmo rio, todo o ano, só depois do Agraal. Aguas a que o povo atribui e com fundamento virtudes terapêuticas.

Rio, dizem os livros e os geógrafos, nasce em Anciao. Mas para o povo de Tomar, não é assim.

O rio nasce no Agraal, à beirinha do seu concelho, por isso se chama aquela nascente, desde a séculos, a nascente do rio.





Quando o sol rompia e se calavam os rouxinóis,

as rodas continuavam a cantar,

A cantar, a encher o rio de poesia...

Rodas e açudes que ao chegar ao Outono, quando o verde

dos chorões e dos salgueiros virava amarelo, e ganhava

uma expressão de beleza delicada e triste, pareciam

chorar pelo génio de Van Gogh... Os açudes de estacaria

dezenas no nosso vale. Vão desaparecendo os açudeiros e os construtores das rodas do Ilabão,

e as rodas do Ilabão são motivos tomarenses típicos e

únicos. As rodas, normalmente tinham o seu mouchão,

Bonitos mouchões, aliás. Eram ilhas verdes, que ficavam

entre o rio e o canal da roda. Vão morrendo os homens

que viveram o rio quando os açudes e as rodas eram as

de museu etnográfico, a roda do Mouchão e o açude

Deram ao rio o nome de Tamarara, água doce, nome alienado mais tarde para a cidade que cresceu

em volta das suas margens.



Tomar, o vale do rio, todo ele era um pântano. Canais,
água e bunho... terra de aves ribeirinhas, de narcejas,
patos e galinhas de água, e terra de
mosquitos, de febres. O rio espraiaava-se, empapava...
Foram os açudes que domaram o rio.



Diz nas histórias, que o Egito é um dom do Nilo. Nós,

com inteira razão, podemos também asseverar que a
indústria de Tomar é um dom do Nabão.

Em cada açude havia uma estaca padrão, a estaca real. Esta ficava sempre de pé na hora do
desmanchar dos açudes, pela altura de Santa Iria. Era ela que marcava a altura para a
reconstrução na primavera seguinte. Represada pelos açudes de estacaria, a água

encaminhava-se para os canais das rodas em fortes correntes. Batia e corria nas penas das
rodas. À frente das penas, atadas nas cintas exteriores iam os alcatruzes que mergulhavam,
enchiam, subiam, despejavam nos tabuleiros e lá seguia a água para o calheiro real, e, daí, por
canos ou aquedutos. E assim chegava a água às hortas e pomares.







Fragmentos Sociotipográficos

"A letra no contexto da palavra, pela sua carga poética e poder de comunicação e ao mesmo tempo com a possibilidade de confundir e enganar, sempre foram para mim uma fonte de paixão e puro fascínio no interior de uma certa pessoalíssima visão do mundo."

No âmbito do 8.º Simpósio de Artes Gráficas - ARTEC realizado em Maio

no Instituto Politécnico de Tomar, o designer tipográfico Jorge dos

Reis, organizou a exposição intitulada "Fragmentos de uma Tipografia

Imaginária". Nessa ocasião, tivemos com ele uma agradável conversa

da qual registámos algumas impressões.

Qual o significado do nome da exposição?

A exposição "Fragmentos de uma Tipografia Imaginária" é um acumular de vários períodos e várias geografias no meu trabalho. é esse o ponto de partida. Estava organizada interiormente em cinco núcleos. Um primeiro núcleo constituído por projectos tipográficos realizados no John Jarrolé Printing Museum onde me foi posto à disposição um conjunto de material de composição realmente

brilhante. Um segundo núcleo com vários exemplares de material impresso da minha tese de licenciatura ARTS Typographica realizada na Norwich School of Art Design e posteriormente apresentada publicamente em Portugal. O terceiro núcleo é constituído por vários



Trabalhos isolados, realizados em Londres enquanto estudei tipografia em profundidade com Alan Hitching no Royal College of Art e no Typography Workshop em Clerkenwell. O quarto, é um núcleo de documentação tipográfica de grande qualidade aquando do meu encontro com o tipógrafo Alberto Tallone em Itália. O quinto e último núcleo, revela algum do trabalho projectual: design gráfico, museografia e coordenação editorial. Enfim, projectos que venho desenvolvendo nos últimos anos de atelier.

Foi minha intenção reunir numa mesma plataforma expositiva, fragmentos e parcelas de todos estes registos para podermos pensar que a todos eles teríamos acesso imaginário num mesmo espaço. Todas as tipografias formariam um bloco heterogêneo nesse mesmo local. Esta exposição transporta consigo uma intenção também pedagógica de fazer perceber o quanto é necessária a prática tipográfica enquanto circuito expositivo que fizesse com que a exposição fosse um mosaico reflectido no chão, que estudamos, nós portugueses, não temos definitivamente uma cultura do projecto tipográfico, porque os designers não sabem tratar a tipografia

Absolutamente! A prática e o ensino estão sempre de mãos dadas. Não seria apenas mostrar a minha obra recente mas também criar dentro dela uma linguagem expositiva coerente, um espaço onde se criasse um entendimento muito claro e depurado do que estava exposto. Sinto que a pedagogia ocupa um lugar importante na minha actividade. Em todos os sítios onde fui professor, no ARCA em Lisboa, no Instituto Politécnico de Tomar ou na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, sempre transmiti e continuarei a transmitir, onde quer que esteja, esse mesmo aspecto que vocês acabaram de focar, a motivação, neste caso, para o respeito pela letra.



Jorge dos Reis
Tipógrafo {

Os trabalhos apresentados reportam - se a algum periodo particular da sua vida?

Sim, referem - se a dois periodos bem definidos e realmente fulcrais na minha actividade. Um mais antigo e distante, na medida em que se tratam de projectos tipográficos relativos à minha pós - graduação em tipografia, que se realizou numa época importante para mim enquanto fui bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Inglaterra com Alan Kitching. Nele encontrei um mestre de grande projecção e rigor. Foi uma altura em que multipliquei as geografias e onde os meus trabalhos e projectos tipográficos têm origens várias como a cidade de Belfast durante a guerra, Dublin ou Londres. Um segundo periodo mais recente, e que está já localizado em Portugal, revela algum trabalho projectual onde a envolvimento do design marca a sua presença. Entre os vários trabalhos expostos, está o caractere "Via Estreita", concebido para o Museu Nacional

Ferroviário.

Porquê uma pós - graduação em tipografia, já que

achei que necessitava de uma aprendizagem mais

vivemos numa época em que a composição profunda sobre a letra enquanto elemento constituinte tipográfica é realizada informaticamente?

do design de comunicação. Nós portugueses, facilmente

perdemos toda uma tradição tipográfica e deixamos

desaparecer todo um património que hoje e

malcançável. Digo desde já que a letra e os caracteres

tipográficos são a base da nossa profissão. É preciso

entender que a letra é a raiz e o elemento mais

importante da cultura do projecto. Por não se perceber,



A tipografia ilumina o mundo!

Marques de Pombal

João dos Reis
Lisboa



isto é, que os designers não estão habituados a falar

sobre aquilo que fazem. Não sabem explicar em

profundidade as suas opções projectuais. O seu

discurso fica - se pela pele do projecto, e por

consequência, o seu trabalho é

meramente epidérmico. Uma das razões, é a falta de

conhecimentos sobre o funcionamento da letra nos

seus mais variados contextos, mas o pior é quando o

trabalho em si, não tem um fundamento e os seus

elementos interiores surgem sem uma estrutura

minimamente coerente. Sempre pedi aos meus alunos

que se deleitem em mais uma memória descritiva, em

mais um texto que entra dentro deles próprios, em mais

uma viagem pelas suas próprias e íntimas visões do

mundo. Como vocês próprios sabem, o diário gráfico

sempre foi para mim uma prioridade e uma necessidade

nas minhas aulas.

**ARS
Typo
graphica**

JORGE DOS REIS
MCMXCVI ANNO DOMINI



O contacto mais profundo que tem com a letra através dos caracteres móveis, influencia - o na maneira como lida com as formas tipográficas e como desenvolve os seus trabalhos?

Sem dúvida que sim. Tanto que realizei muitos dos meus projectos em tipografia de caracteres móveis, o que é algo de singular no nosso país. Já ninguém percebe nada de tipografia! É preciso dedicar - lhe muito tempo e muita compenetração. Por outro lado, aqui há que distinguir os projectos que pela sua complexidade, exigem certos artefactos como um tipo de letra específico. Nesses casos é indubitável que a minha prática de tipografia de caracteres móveis é absolutamente fundamental para essas realizações. Julgo que é impensável desenhar uma fonte ou tipo de letra sem conhecer em profundidade o mundo da tipografia. Eu percorri um longo caminho.

Quando é que surgiu o interesse pela tipografia?

De facto foi bastante cedo. Julgo que sempre soube o que queria seguir e fazer na vida. Lá em casa, sempre houve muitos jornais e lembro - me de ter uma caixa onde guardava recortes dos cabeçalhos das notícias quando ainda era bastante novo. Sempre gostei muito de olhar para as texturas das manchas de textos. Hoje, quando penso nisso, faço o paralelo e percebo o quanto isso foi importante para perceber a anatomia da letra e sua mecânica.

O que é para si o design?

Como sabem, o design é uma profissão que ganhou forma com as sociedades industrializadas no século vinte. Hoje em dia, com a quantidade de informação que jorra em contínuo, vocês poderão perguntar, se o "graphic design" é algo de persuasivo na sociedade ou se virtualmente não existente? Já repararam como o passado e o futuro do

design, isto é, a sua existência, são domésticas em relação

Ah! Isso é muito interessante e também importante!

a toda a história da humanidade. Se vocês tentarem olhar

As artes visuais e as artes musicais são a mesma coisa e explico já porquê. Desde

nesta perspectiva, o design tem um passado recente e um

que deixei o conservatório nacional onde estudei canto, sendo aluno de grandes

futuro muito frágil. Partindo desta ideia, vejo o design

intérpretes nacionais como o barítono António Wagner, entre outros bons

segundo uma perspectiva pessoal, liberal acima de tudo,

professores, que me interessei muito pela convergência entre a música e as artes

que generaliza todas as formas de expressão mas, por

visuais, fiz uma pesquisa que depois resultou numa palestra sobre a relação entre

oposição, é uma actividade onde se sente de imediato um

Handinsky e Arnold Schoenberg. O primeiro inventou a pintura abstracta, e o segundo

conjunto de diferenças, como por exemplo, entre o design e

a música atonal. O que eu sempre quis foi composição, mas era preciso abdicar de

o anti-design, ou entre o profissional "mainstream" e o

tudo. Mesmo o canto seria uma carreira difícil num país como este. Ainda assim,

não profissional marginal. Bom, apesar de tudo isto, devo

cheguei a estudar composição com o recentemente falecido Jorge Peixinho. Hoje as

dizer-vos que a profissão de designer pela qual alguns de

minhas preferências vão para a música contemporânea: Pierre Boulez, Ligeti, Steve

vós poderão optar, está ligada a aspectos como a

Reich, John Cage, Schoenberg ou Webern. Os meus predilectos são as sinfonias de

geografia, as gerações, a educação, mas também por

Gustav Mahler e a obra para piano de Debussy. A música ocupa um lugar importante

obrigação, à música, ao desporto, à moda ou à política (que

nas nossas vidas,

vai desde o skate à ecologia).

PEREGRINAÇÃO PARA UM ALFABETO



Jorge dos Reis

Reflecte o gosto pela música nos seus trabalhos?

ABCDEF
GHIJKLM
NOPQRST
UVWXYZ



MUSEU NACIONAL

FERROVIÁRIO



Tipografia em Ponto Pequeno

Miniaturas Máquinas Tipográficas



Américo Jorge da Silveira
Exposição
na Feira do Livro

Durante a 23.ª Feira do Livro realizada na praia da

Nazaré, durante o passado mês de Julho, esteve patente

Para alguém que esteja dentro das artes

uma exposição de miniaturas de máquinas de

gráficas, não é surpresa ver

impressão. Do prelo às rotativas, das minervas às

sistematicamente máquinas de grande

prensas plano-cilíndricas, todas elas estavam

(ou mesmo de pequena e média)

rigorosamente representadas, resultado de muita

dimensão, com tecnologias cada vez mais

paciência e perfeito conhecimento das mesmas.

avanzadas, felizmente, ainda existem

Conhecimentos estes ao alcance apenas dos grandes

peças por esse Portugal fora que nos

mestres.

conseguem levar para um mundo de

O autor, Américo Jorge da Silveira, nasceu em São Tomé

sonhos. Se pensa que já viu tudo,

e Príncipe em 1923. Com apenas 15 anos de idade,

imagine-se um gigante. Depois deixe-se

ingressou na Escola Comercial e Industrial Jacome

levar pela imaginação, e confira connosco

Ratton, na cidade de Tomar. Em 1940, ingressou na

estas pequenas maravilhas...

Escola de Tipografia das oficinas de

S. José, no Porto, de onde saiu quatro anos mais tarde.

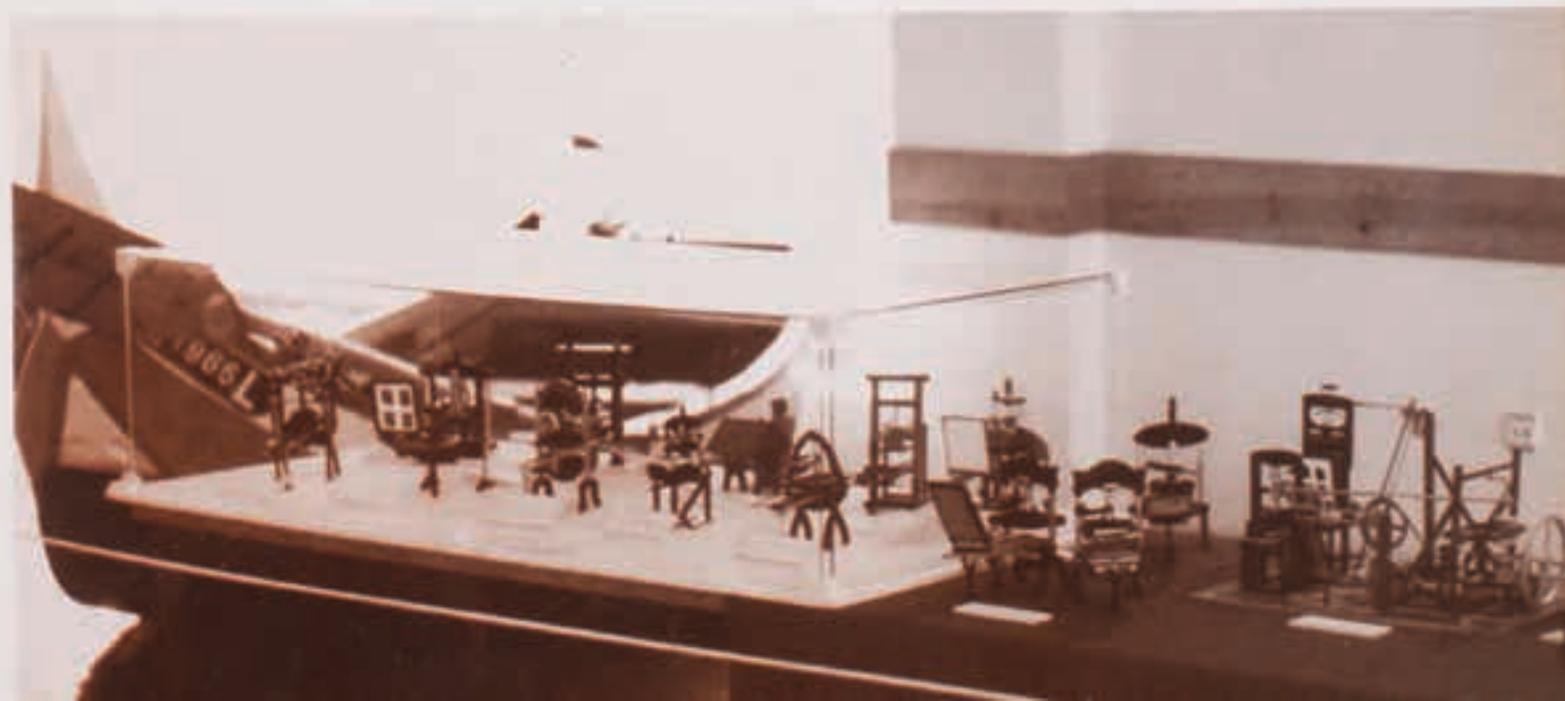


com o diploma do curso de impressor.

Posteriormente, desempenhou funções em várias escolas de encarregado em diversas tipografias e pertenceu aos quadros técnicos da firma Manuel Reis Moraes, do Porto.

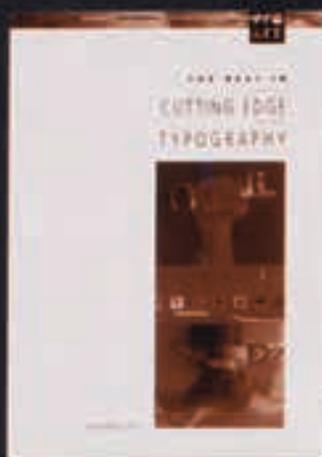
O Sr. Americo da Silveira, transformou todos os seus conhecimentos acerca das máquinas de impressão, fruto da sua vasta experiência, em pequenas réplicas das mesmas, com a mestria e minúcia que cada uma delas exige.

Resta-nos desejar que, num futuro próximo tal exposição contemple a cidade de Tomar, ou até mesmo o Instituto Politécnico, nomeadamente o Departamento de Tecnologia e Artes Gráficas, dado o enorme valor didáctico que assume, não só para os docentes e discentes, como também para um qualquer curioso.



The best in Cutting Edge Typography

Ao olharmos à nossa volta, apercebemo-nos que está a ocorrer uma revolução na tipografia. Desde revistas a relatórios, de cartazes a anúncios televisivos, em todos eles se nota que



a relação entre o designer e o texto se alterou, em parte devido ao uso do computador. Surgiu uma nova forma de design que usa o tipo como ilustração, para expressar tanto a mensagem escrita como a visual.

Este livro surge assim como uma forma de comemorar o novo design tipográfico, onde pode ser encontrada uma grande variedade de interessantes soluções de design baseadas na tipografia: novos tipos, criados especialmente para uso próprio do designer, estilos e técnicas criativas.

Unpublished - Best Rejected Advertising

A publicidade é hoje em dia parte integrante da cultura popular. É cada vez mais reconhecida como uma forma de expressão independente, revelando-se mesmo como uma área criativa com especiais implicações socio-culturais.



Em contraste com outras antologias do género, este livro dá-nos a publicidade a que nunca teríamos acesso. Contém vários projectos de campanhas publicitárias, com comentários e informações sobre os grupos alvo, objectivos da campanha e as razões da sua rejeição. Estas

refletem a moral, a estética, as sensibilidades políticas, os limites do nosso tempo e das respectivas regiões. Ajuda a identificar as actuais tendências de pensamento das grandes agências e dá uma previsão da futura publicidade.

Talvez as corajosas rejeições de hoje, sejam os grandes êxitos de amanhã.

Bíblia • 7

Depois de uma viagem pela América, a Bíblia está de regresso à Península Ibérica. Esta edição conta com a colaboração de "nuestros hermanos", servindo como intercâmbio para aproximar dois países aos quais o ditado "tão perto, tão longe" assenta que nem uma luva.



TYPO - when, who, how

É um livro de consulta que fornece uma ampla descrição de toda a cultura alfabética. Faz a detalhada narração cronológica da história tipográfica, começando no presente e regressando às suas origens. Na parte principal apresenta mais de 700 tipógrafos, designers de tipos, calígrafos, designers e artistas, assim como escolas, instituições, professores e teóricos, que deixaram na tipografia a sua marca. O último capítulo descreve a evolução dos utensílios - do machado ao computador - no contexto das várias técnicas tipográficas.

As mais de 2000 ilustrações contidas no livro, demonstram graficamente como a tipografia desempenha um importante papel na nossa sociedade e fazem dele um verdadeiro dicionário do desenho em forma de palavra.



20th century type [remix]

Os anos 90 viram o design gráfico atingir uma influência sem precedentes, com o poder de agitar, manipular e dar expressão à sociedade. Na sua raiz encontra-se a tipografia que, antes praticada por poucos milhares, é hoje um criativo instrumento para milhões e uma forma de arte experimental por direito próprio. 20th Century

Type: Remix fornece a informação essencial de referência que nos ajuda a confirmar tudo isto.

Avaliando as questões significativas que moldaram a história da tipografia, e mais tarde o design gráfico, o livro mostra como as actuais tendências tipográficas fazem parte de uma contínua evolução através de

Com mais de 250 ilustrações, este livro constitui uma leitura informativa, acessível e divertida para todos os estudantes de design, e para designers que necessitem de uma completa

visão cronológica

da tipografia do século XX.

20th century
type

La Création Photo sur Micro-Ordinateur

Com o surgimento das aplicações informáticas no âmbito da fotografia,

decadas,

muitas das morosas e complicadas acções anteriormente realizadas

apenas pelo fotógrafo no laboratório, tornaram-se acessíveis a qualquer

pessoa possuidora de um computador. Mas apesar da maior facilidade,

passaram a existir novas preocupações

de uma completa

Embora trate superficialmente cada tema, relacionado com a criação e

da tipografia do século XX, manipulação de imagens através do computador, este livro fornece os

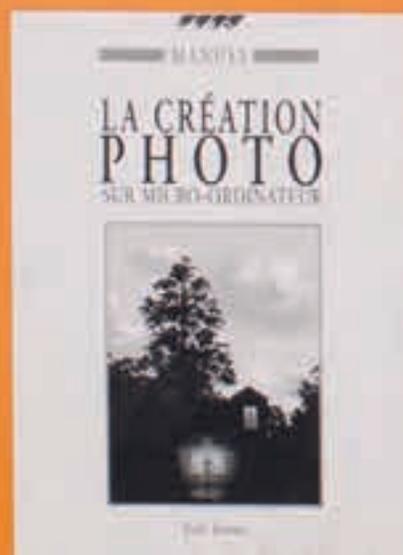
conhecimentos mínimos sobre os vários aspectos técnicos e práticos a ter em consideração, quando se trabalha com o seu auxílio.

É constituído por duas partes. A primeira é de carácter teórico, onde são abordados os conceitos mais elementares como a resolução de uma

imagem, os scanners, os programas, o anti-aliasing, a teoria da cor e a

impressão. Na segunda são apresentados e explicados vários exemplos

passo a passo, com truques e efeitos aplicados a imagens a preto e branco e a cores.



disip

TRUUMD

INSULINA

alcunha que uns putos homens lhe puseram, devendo-se ao facto da sua dieta alimentar consistir substancialmente em pacotes de açúcar.



Nasceu há muitos anos, como uma folha seca que acaba de ser pisada, deu o seu 1.º latido.



A gruta de uma família de bichos homens, situada no alto de uma montanha de betão, foi a sua primeira casa. Cresceu... demais por sinal e a rua passou a ser a sua segunda e última casa. Custou... agora não troca a rua por nada, nem a liberdade que dela provém.

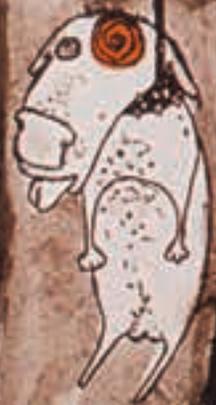


ExiStem dias que sente inveja desses bôbis de aviário, gostava de comer algo que não fosse lixo... porém não trocava a sua vida pela deles, ele é livre.

Não tem hora para a banhoca...



Não tem essa coisa ao pescoço a que chamam trela...



É dono do seu próprio tempo e isso chega-lhe.

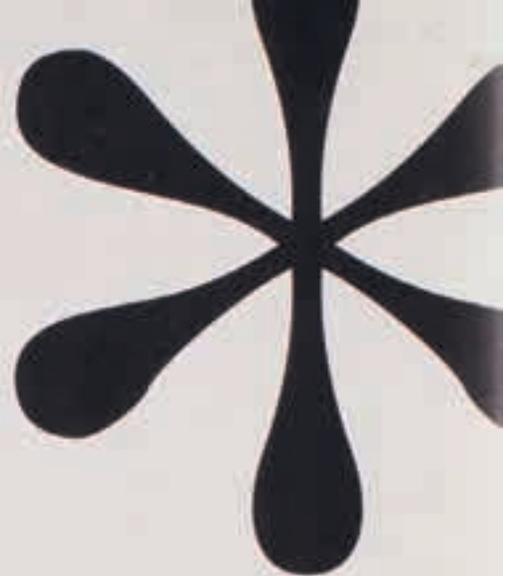
Não tem hora para o cocózinho...



Fanzines

A revista i.É está a preparar para o próximo número um artigo especial sobre fanzines. Queremos fazer um trabalho tão completo quanto possível, e para tal pedimos que nos enviem as vossas fanzines ou fanzines que conheçam para:

Instituto Politécnico de Tomar
Escola Superior de Tecnologia
Departamento de Tecnologia e Artes Gráficas
Revista i.É
Quinta do Contador, Estrada da Serra
2300 TOMAR



* eles andem aí...

ARTEC

ixbsimpósio artes
qrstuvwxyzgráficas1
254/62890BCDF:
a,bcdefghijmaio
qrstomarzk&sw1
6HIJLM IPTSUÆX
Z?IÆÇ,æW^ô
HGH^S



WWW.IPT.PT/WEB/EVENTOS/ARTEC/INDEX.HTM

Robin Fior

Cor

Hrtec 9.0

Fanzines

Centro Português de Design

N.º 2